

E-19

P. 2

Nº 23

A JUVENTUDE

Orgam Litterario e Noticioso

Redactor chefe: João Aguiar

Publicação mensal

Redactor secret.: Aug. Costa

ANNO I

Assignatura: 3\$000 por anno

S. Paulo (B. Retiro) 14 Junho de 1908

Redacção: Rua Anhaia N.59

Num. 2

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção: Rua Anhaia n. 59.

Não devolvemos originaes, ainda quando não publicados.

Dr. CELSO GARCIA

O coração do povo, achase neste momento opprimido por dôres cruciantes, dôres infinitas e indescriptiveis, com a inopinada morte daquelle que foi o seu acerrimo defensor. Uma atmospheria de luto, envolve todos os recantos da capital de São Paulo e a consternação superabunda em todos os semblantes.

Morreu Celso Garcia o bahuarte da classe operaria, fulgurante jornalista, provector advogado e distincto vereador. Descrever os seus feitos e predicados, seria tarefa difficil. O seu coração philanthropico e incomparavel, estava sempre condoído e constringido, ao deparar com a situação dos operarios. Sua penna scintillante, pugnou com uma tenacidade inagualavel em pról dos opprimidos e dos desprotegidos da sorte.

Seu robusto talento, creou projectos importantissimos, projectos modelos no seio da camara municipal, da qual era um dos seus mais bellos ornamentos.

Como advogado, conseguiu fazer brilhar a justiça na tribuna judiciaria e como homem social e patriota, dir-se-ia um verdadeiro espartano! Moço ainda, pois contava apenas 39 annos de idade, quando a morte o arrebatou, precisamente na occasião em que mais careciamos dos seus serviços.

Dedicadissimo ao estudo; quando apresentava um projecto, submettendo-o á apreciação da Camara, Celso Garcia ia preparado para susten-

tal-o com argumentos irrefutaveis. E depois quantos recursos nas dissertações em que fazia, sobre todos os assumptos! Éco da alma popular, o seu amor á causa popular era intenso e devotado.

Em sua bibliotheca, passava horas esquecidas em estudos prolongados, ora investigando o palpitante assumpto de casas operarias, ora colhendo dados sobre outros tantos projectos que idealisára com tanto amor e carinho.

Desde os bancos escolares, revelou grande talento pela vida jornalística, na qual deixou um rastro luminoso: luctou com grandes difficuldades para formar-se e conseguida que foi a carta de bacharel, advogou por algum tempo em Santa Rita do Passa Quatro, transferindo depois sua residencia para a capital, onde começou a fulgurar o seu talento, quer na imprensa, quer na advocacia.

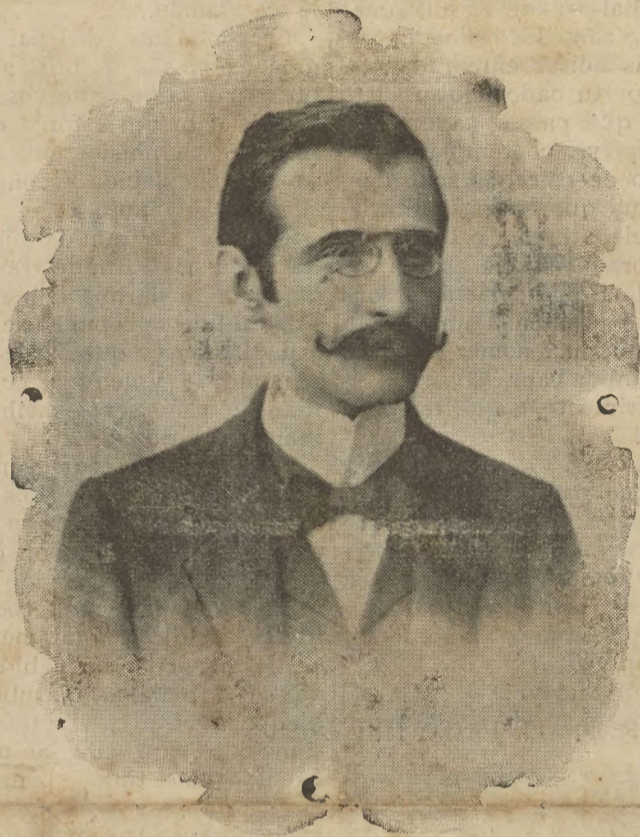
Ao lado de Julio Ribeiro e Felix Bocayuva, trabalhou

respectivamente na « Gazeta do Povo » e na « Nação », dando a esses jornaes uma feição moderna e vigorosa. Entrou depois para a redacção do « Tempo », onde colheu novos louros com o seu pujante talento e collaborou na « Platéa » e « Estado de São Paulo ».

Logo em seguida, apresentou-se candidato ao cargo de vereador, obtendo significativa votação e ultimamente foi novamente eleito pelo 3.º districto, sendo o candidato mais votado.

Celso Garcia era Presidente e socio honorario de muitas associações operarias e extremamente democrata. Os operarios o idolatravam e a prova disso está cabalmente demonstrada com o movimento que se operou depois da sua morte, para prestar-lhe solennes homenagens.

Por iniciativa de diversas associações operarias e muitos de seus dedicados amigos, brevemente veremos com prazer em uma praça publica



um herma que perpetue a sua memoria. O seu enterro foi uma verdadeira apothose e o seu repentino trespasse causou dolorosa impressão. Pode-se comparar Celso a Garcia com uma estrellá de primeira grandesa, que fulgurou no espaço incommensuravel por espaço de 39 annos para depois desaparecer sob o impulso de um violento cataclysmo. O seu falecimento para classe menos favorecida, representa um verdadeiro desastre, não só pelo facto de ser um homem extremamente independente, como tambem pela circumstancia importantissima de possuir todos os predicados para conseguir um futuro brilhante, e ornamentado de flores.

De facto, o seu futuro devia ser bellissimo, pois dotado de uma extraordinaria força de vontade e de um coração generoso, Celso Garcia era o homem do povo pelo povo. Com elle foram as ultimas esperanças, deixando-nos immersos em profunda tristeza, a pensar nas negras côres do presente e nas dolorosas consequencias da desesperança. Jamais o veremos fallar com aquella eloquencia que lhe era peculiar, aos operarios e ao povo. O seu corpo repousa tristemente no silencio tumular do campo santo, emquanto que os operarios e os seus amigos, choram amargamente a perda irreparavel que soffreram! E não é para menos: Tão moço e com um futuro tão brilhante!

Jamais o esqueceremos e o seu nome ficará para sempre gravado nos nossos corações até a posteridade.

« A Juventude », associando-se ás manifestações de pezar que lhe foram feitas, apresenta a inconsolavel familia os seus sinceros e sentidos pezames.

JOÃO AGUIAR.

A Cega

Numa afastada villa morava uma velhinha, uma mizera creatura. Havia muito tempo tinha perdido o esposo, aquelle á quem tanto idolatrava, ficando no mundo sem um unico apoio sinão um filhinho de tres annos ou pouco mais.

Na solidão em que se achava, as lagrimas eram o seu unico consolo, a mizeria ia se apoderando, cada vez mais delles, até chegar ao ponto de precisar internar o filhinho n'um asylo, ficando então completamente só. Por fim adoeceu. A extrema fraqueza em que se achava, as doenças e a tristeza acabaram por cegal-a. Um dia appareceu na mizera choupana de Joanna (tal era o seu nome) uma menina que ao muito teria dez annos.

Era orpham. Pediu a Joanna para ficar em sua companhia, promettendo leval-a todos os domingos, até a porta da igreja da villa para juntas implorarem a caridade publica. Assim fizeram. Todos os domingos a bôa menina levava Joanna apoiada no seu braço até ás portas da igreja. Um domingo depois da missa, retiravam-se os fieis, sahindo tambem uma das classes do asylo em que estava o filho de Joanna.

Ao passarem pela cega, esta, pediu-lhes: «Uma esmola pelo amor de Deus» Um dos meninos achegou-se da cega, e, dirigindo-lhe um olhar internecido, perguntou-lhe: «Quem é a senhora?» Eu sou Joanna, aquella que tem por unico consolo nesta vida o braço que a guia e lagrimas que lhe alliviam a alma. Ao ouvir estas palavras o menino atirou-se ao pescoço de sua mãe e, chorando lhe disse: «Vamos minha mãe, de hoje em diante terás tambem por consolo, o braço d'um filho que lhe sabe venerar. E juntos caminharam para a mizera choupana, onde com os esforços do filho amado, Joanna que então se considerava feliz, foi acabar seus dias. A volta do filho adorado, tinha consolado embora um pouco tarde a cega Joanna.

ROSALINA GOULD.

Martyr

Eil-o que passa, carpindo dôres cruciantes e infinitas, dôres pungentes que commovem e que intristecem os corações impedernidos! Immenso soffrimento vai vagarosamente definhando a sua desventurada existencia, até leval-o para a sepultura. E' um martyr! Quem vel-o muitas vezes com aquelle gargalhar convulso, alegre, e prasenteiro não o julgará um martyr. Entretanto, si encostardes o ouvido no seu peito, convencereis por certo, que aquella gargalhada representa o funeral da ultima esperanza! Não

vedes que profunda pallidez orna-lhe o semblante. Quando passa cabisbaixo e triste, pensando nas negras côres do presente e nas dolorosas consequencias da desesperança, não vedes como o seu olhar é triste, duma tristeza tumular?

Soffre e soffre muito. O seu soffrimento é doloroso e acha-se envolto no manto escuro da desesperança. Ninguem absolutamente conhece o seu segredo, o qual jamais será revelado e acompanhá-lo-á até os humbraes do campo santo! No silencio profundo das noites enluradas, levemente perturbado pelo sussurro da briza que passa suavemente, elle o Martyr, contempla o céu recamado de estrellas scintillantes e a lua que vaga solitaria-mente pelo ethereo e depois de um demorado extase, passa as mãos pela fronte, afasta os seus cabellos e pronuncia um nome. Sim, um nome; nome daquella que é a unica causa do seu inaudito soffrimento e que talvez o despreza!

Eil-o que passa, carpindo dôres cruciantes, dôres infinitas que commovem os corações impedernidos! O seu sorriso é forçado e doloroso e o seu gargalhar convulso representa o funeral da ultima esperanza!

E' um Martyr!

RAPHAEL LAMARTINE.



Meditando



*Quando eu contemplo este logar querido
De onde partiste pela vez primeira,
Scisma minh'alma num sonhar perdido,
Na perdida esperanza derradeira.*

*Baila em meu labio as azas de um gemido.
Ficar quizera a minha vida inteira
A contemplar com o coração partido
A pedregosa e longa ribanceira.*

*E quando vaga alegre pelos campos
O cardume dos fulvos pyrillampas,
Entre o luar tão branco como o linho.*

*Eu penso ao ver os bandos scintillantes;
São como os olhos delle rutilantes
Illuminando as pedras do caminho.*

ISABEL VIEIRA DE SERPA.



Anjo da Paz

— Olhe papai que lindas bonecas e como estão bem vestidas. E a pequena Mathilde apon-tava para as bonecas, que se achavam expostas n'uma vitrine. Mathilde era uma menina de oito annos de idade, olhos negros e brilhantes que demonstravam uma intelligencia precoce, semblante delicado, labios de carmim; quando sorria deixava ver os lindos dentinhos alvos como a neve.

Ella examinava as bonecas e as toillots para ver se vestiam a ultima moda; occupava-se como se fôra uma mulhersinha, das côres dos vestidos e observava com attenção as toillots das senhoras que passavam pela rua. O pai perguntou-lhe carinhosamente;

— Mathilde queres que te compre uma?

— Pois bem pápazinho, quero aquella grande com o chapéo preto e vestido azul como aquelle da mamãe.

O semblante do pai tomou uma expressão dolorosa; a sua bocca contrahiou-se nervosamente, depois com um esforço de vontade, a sua phisionomia tomou apparencia placida. Escondia uma recordação dolorosa!

Quando sahiram da loja, o pai da pequena Mathilde trazia uma caixa onde dormia a boneca.

Mathilde propunha-se amar aquella boneca que baptisou com o nome de Valentina, como sua mamãe, visto ser semelhante a mamãe vestida de azul.

As crianças esquecem logo:

Mathilde não. Ha dois annos que ella pensava sempre em sua mamãe, não passava um dia em que ella não visse como se estivesse sonhando, uma bella senhora vestida elegantemente, joven, com sorriso nos labios, abajar-se e beijal-a. Lembrava-se d'aquella visão que tantas vezes tinha ido com ella a passeio. Emfim não tinha bem firme na memoria a phisionomia da mãe, porém via sempre uma elegantissima toilet azul com chapéo preto, o vestido que a mãe tinha no dia em que sob o pretexto de ir fazer compras, nunca mais voltou!..

Mathilde não havia esquecido aquelle dia. Seu pai andava inquieto e nervoso; as oito horas da noite recebeu um telegramma que apenas leu-o, deu um grito de raiva, sahindo de casa precipitadamente como um louco, sem despedir-se da pobre Mathilde.

Sò voltou no dia seguinte; estava pallido e abatido; com voz rouca e mal segura disse que a mamãe estava doente e achava-se longe.. Poucos dias depois, Mathilde foi encerrada n'um collegio.

Escrevia sempre ao pai pedindo noticias de sua mãe e permissão para que fosse vel-a, mas o pai conservou-se sempre mudo a tudo. Assim passaram-se tres mezes, depois dos quaes, soube que era orpham.

A idade de Mathilde não permitia ainda decifrar a palavra morte e mesmo a muito tempo que não via a mamãe, assim pois não sentiu o que se sente quando nos falta um ente querido como uma mãe.

Uma coisa porém a preocupava; no collegio uma sua collega que tambem lhe havia fallecido a mãe, andava coberta de luto, porque ella não?!.

Mysterio. Um dia ouviu alguns

vigilantes pronunciarem certas palavras que adivinhou serem a seu respeito. — Orphã?! — Uhm!... aqui anda algum drama de familia; elle não quer que a pequena saiba, porque ella abandonou-os!..

Mathilde reflectiu muito sobre aquellas palavras e não conseguindo comprehendel-as ficou convencida que sua mãe devia ter morrido atacada de molestia muito grave, visto seu pai querer que nada soubesse.

Passado um anno, foi novamente viver com seu pai, que rodeou-a de caricias e de um affecto tenro e delicado; não havia um dia que não fizesse o passeio matutino, sempre prompto a qualquer capricho da sua adorada Mathilde.

Não a tinha mandado retirar antes do collegio para poupar-lhe o desgosto de ver a dôr que o torturava; a ferida não estava bem cicatrizada. Agora porém, sabia dissimular, não porque sentisse a felicidade de outra, mas ao desespero dos primeiros tempos, havia succedido uma calma resignação e na ruina de sua vida, o pobre homem agarrava-se ao amor da sua idolatrada Mathilde, como o naufrago que se agarra a unica taboa que o a de salvar.

**

Uma manhã ao sahir do jardim de sua caza, Mathilde, deu um grito e largando a mão de seu pai correu ao encontro de uma senhora vestida de escuro.

— Mamãe! Minha adorada mamãe!.. gritou Mathilde com uma expressão de verdadeira alegria. Apesar de não a ver a dois annos, tinha conservado uma vaga recordação do semblante da ausente e tinha reconhecido logo o querido rosto, de olhos pretos e a pequena bocca que tantos beijos lhe havia prodigalizado n'outro tempo. Não se pôde descrever a alegria d'aquella mãe n'aquelle momento, abraçando o entesinho querido; chorava e ria ao mesmo tempo, confundindo-se os beijos que a pequena retribuia. Quando depôs a menina no chão, viu o marido pallido e estupefacto que para não cair, tinha-se encostado a uma arvore.

Ella agarrou novamente a pequena Mathilde e como se al-guem quizesse arranca-la do seu lado, apertou-a contra o peito e duas grossas lagrimas deslizaram-se-lhe pelas pallidas faces.

Elle notou que estava miseravelmente vestida; adivinhou os remorsos d'aquella alma abandonada de forças pelos soffrimentos Moraes.

O bondoso coração do marido sentio ao mesmo tempo, piedade, dôr, amor e ciu-me.

Mathilde não havia perdido nenhuma d'aquellas contracções do nobre semblante de seu adorado pai e como impellida, pegou na mão da senhora e disse.

— A muito que te esperavamos.

E dirigindo um olhar supplicante ao pai acrescentou.

— Não é verdade p. pai?

Aquelle coração ferido que nunca teve coragem de contrariar a vontade da filha, respondeu com voz commovida.

— Sim te esperavamos!

E cahiram nos braços um do outro.

A bella Mathilde com o semblante radiante de alegria, contemplava de um lado o seu quadro de paz.

P. LOURENÇO.

Martyr de amor

Martyr, martyr de amor de amor somente
Eil-o que passa com cruciantes dôres,
Tendo nos labios um sorrir fíngido
E no peito os immensos dissabores,

A sua vida é um negro labyrintho
odeada de tristezas infinitas...

O seu futuro é cheio de incertezas,
Envolto em trevas de cruéis desdítas.

A sua alma soluça de infortunio
O seu sorriso é triste e moribundo,
Seu coração está triste e torturado,..
Envolto em maguas dum pezar profundo.

João Aguiar

Recordações...

Vinte annos! bella idade! Idade de poeticos sonhos, de fagueiras illusões!

Vinte annos! precioso florir da existencia em que comecei a comprehender de uma maneira clara e precisa o verdadeiro « porque » da vida, que até então apenas vaga e confusamente havia distinguido!

Vinte annos! Jamais se apagará da minha mente a viva recordação daquelle tempo tão rapidamente passado e que não mais ha de voltar! daquelle tempo em que a flor da esperanza desabrochando no meu peito me embriagou com o seu suave perfume, fazendo meu coração palpar docemente com doces palpações de amor.

Foi aos vinte annos, foi naquella risonha quadra da vida que eu comecei a sentir as agradaveis inquietações e tormentos que sentem todos aquelles em cujos corações Cupido cravou suas agudas e douradas settas.

Foi aos vinte annos, foi naquella idade cheia de indescreptveis encantos que eu vi por primeira vez aquella que é actualmente a causa dos meus sofrimentos, da minha desesperação e a qual amei com louco arrebatamento, que adorei como os crentes adoram a Deus.

Vi-a e amei-a.

Bastou um seu olhar, um seu sorriso para que o meu coração até então livre, até então a tudo indifferente ficasse sendo seu prisioneiro, seu escravo, prompto a lutar contra tudo e contra todos, só para agradar-lhe.

Desejasse ella o impossivel e o impossivel eu intentaria conquistar para offerecer-lho!

Sublimes loucuras de amor!

O amor é de todos os sentimentos humanos aquelle que commette mais e maiores exageros, fazendo com que os entes por elle dominados julguem facil o que é impossivel e irrealizavel o que é facil de conseguir; tornando-os o eterno contraste de si mesmos, pois que são ao mesmo tempo heróes e covardes; timidos e audazes; impellindo-os com a mesma facilidade para o bem ou para o mal.

O amor esse pequeno nada é o tudo da vida; é a propria razão da vida. Abstracto como é não o tocamos, mas sentimol-o com toda a sua força, com toda a sua potencia; não o vemos, mas obedecemos-lhe cega e irresistivelmente como ao destino; curvamo-nos aos seus caprichos como ao peso esmagador da fatalidade.

O amor nasce de um olhar e de um sorriso, vive alimentado pela esperanza; mas tem um poder tão extraordinario, tão sobrenatural que não ha espada que o vença, couraça que lhe resista, nem difficuldade que elle vencer não possa!

Apagar a luz do sol, impedir o girar da terra, dominar, emfim os elementos desencadeados será mil vezes mais facil do que dominar um amor verdadeiramente sincero, verdadeiramente apaixonado!

Com toda a sua irresistivel força, com todo o seu avassalador poder sentia eu o amor enchendo-me o coração, e por isso me julgava capaz de tudo intentar, de tudo conseguir para satisfazer áquella a quem eu amava cujo nome (Margarida) está sempre gravado no meu coração.

Tudo me parecia facil e possivel porque a amava com um amor verdadeiramente sincero, sinceramente apaixonado.

Ella correspondeu, ou mais bem, fingiu corresponder ao meu amor, com um amor igualmente ardente, igualmente apaixonado; e eu inebriado pela doçura dos seus sorrisos; pela ternura dos seus olhares, fascinado por todos os seus encantos, não vi, não comprehendí a perfidia que encerravam as meigas caricias que me prodigalizava.

Fez-me mil protestos, mil juramentos de um sincero affecto, de um inextinguivel amor, protestos e juramentos cuja falsidade então não vi e que por isso cegamente acreditei.

Naquella crença vivi alguns annos, cuja extensão me pareceu de segundos, pela sêde de feli-

cidade que me abrazava. Durante aquelle tempo nem a mais pequena sombra de desgosto veio perturbar a suave tranquillidade, a incomparavel ventura que eu gozava e que julguei jamais teria fim.

Ah! como me enganava! Hoje daquella immensa ventura existe apenas a recordação...

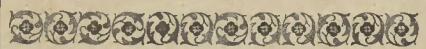
A recordação do tempo em que viveu feliz é o unico consolo do desventurado; é o unico balsamo que pode abrandar a dôr cruciante das sagrentas feridas que os desenganos lhe abriram no coração.

Eu recordo com immensa saudade aquelle tempo feliz em que, com a mente cheia de illusões, sonhando uma ventura inextinguivel e sem igual, olhava sorridente o futuro que se offerecia cor de rosa aos meus olhos.

Desde então já muitos annos passaram, já os meus cabellos que eram pretos se tornaram da cor da neve ao interminavel succeder de tantos dias e ao sopro de tão grande desventura; mas o tempo na sua destruidora faina não conseguiu ainda apagar da minha memoria a doce recordação, as suaves horas que ao lado de Margarida passei.

(Continua)

THEOMAR.



PENSAMENTOS

SECÇÃO FEMININA

Nunca se deve pensar que o riso é a prova de alegria, porque muitas vezes trazemos o riso nos labios e o luto no coração.

Ha neste mundo um réu invisivel que tem por carcere o coração, por carcereiro a esperanza, por juiz a fidelidade e por defensor o casamento.

Quem é esse réu?

ROSALINA GOULD.

A saudade é a dôr mais cruel que soffre um coração que ama sinceramente.

LUIZA GOULD.

O amor nasce sem ruido qual regato timido sobre a molle areia. A principio desliza por entre ribas esmaltadas de flores e acaba por se tornar num rio formidavel noseu impetuoso curso.

O coração dilacerado para combater com o coração gelado, mune-se de uma arma « A esperanza ».

ANNA ALFAIA.

Só ha um dictionario onde se pode encontrar o verdadeiro significado da palavra amor: É o coração.

ANTONIA SILVA.

A esperanza é a flor perfumada da alma e companheira querida da juventude.

ALBERTINA GUEVATHER.

O amor mais puro é o amor desinteressado.

Existem tantas especies de amor, e em todos elles encontra-se defeitos.

MARGARIDA SILVA.

O coração que soffre, assemelha-se a uma fragil barquinha acoçada por um grande vendaval. Os seus tripulantes esperam a cada momento: « O salvamento ou a morte.

OTTILIA PEREIRA da SILVA.

O anonymo na Sociedade é mais vil e mais infame que o sicario nas trevas da noite.

C. CONTE.

A verdadeira felicidade do amor, consiste em saber correspondel-o.

MARIA COMINATO.

O amor mais puro é o amor de mãe! Leal e terno como o sorrir de um anjo.

C. RUIZ.

SECÇÃO MASCULINA

Postal: A Licia

Despedazar mi existencia
Podrá la muerte malvada!...
En la propia sepultura
Io sentiré com dolzura,
El calor de tu mirada.

THEOMAR.

É bem doloroso soffrer-se occultamente, sem poder consolar-se na esperanza. Uma dor assim mysteriosa é indestrutivel e digna de compaixão...

MAXIMO MORREL.

A esperanza é uma flor que oscilla entre a vida e a morte.

CEZAR BARBOZA.

Lagrimas, pezares e tristezas! Eis tres palavras que deveriam desaparecer do vocabolario, porque a humanidade dominada por ellas, nada faria para o progresso do mundo.

ROMANO CONTE.

O mundo é sempre o mesmo: A modificação provem dos seus habitantes.

R. VIOTTI.

O verdadeiro amor é indestrutivel.

ALBERTO K. DE CARVALHO.

A mulher quando diz que ama, é para sedusir o coração do homem e feril-o com a ingratição.

J. B. PINTO.

E bem triste estar tão proximo do ente querido, privado de vel-o a cada instante e forçado a conservar-se no silencio...

RAYMUNDO DE ANDRADE.

Noticiario

Esteve encantadora a matiné dançante, promovida por uma comissão de gentis senhoritas deste bairro, no dia 19 do mez de Abril A concorrência foi numerosa. Pronunciou o discurso official a intelligente joven D.^a Rosalina Gould e em nome da directoria do Gremio Dramatico Musical Luso Brasileiro, fallou o nosso Redactor-Chefe.

O Grupo Recreativo Tosca, realisou na noite de 9 de Maio um festival no salão Steinway, o qual excedeu a nossa expectativa. Essa festa que constou de espectáculo e baile, esteve muito concorrida. Como representante d'«A Juventude» compareceu ao acto o nosso activo reporter José Gould, o qual retirou-se captivo pelo trato amavel e carinhoso que lhe dispensaram.

Gratos pelo convite que dignaram-se enviar-nos.

Revestiu-se de brilhantismo o festival dançante, promovido pelo Gremio Dramatico e Recreativo dos Empregados do Commercio, cujo festival realisou-se na noite de 2 de Maio no salão «Italia Fausta» Foi levada a scena a comedia: Um commendador em Apuros habilmente desempenhada pelos amadores daquela sociedade.

Agradecemos a gentileza do convite e as amabilidades que dispensaram ao nosso representante.

O Gremio Dramatico e Musical Luso Brasileiro, solemnisando o seu oitavo anniversario, proporcionou na noite de 12 de maio na sua séde social, uma bellissima festa, que constou de espectáculo e baile, cuja festa foi concorridissima. Foi levado a scena o emocionante drama «O Advogado da Honra» e a comedia «Turibio Canudo» desempenhado pelos amadores dessa sociedade, cujo desempenho foi bom. Em seguida teve lugar um animadissimo baile, que prolongou-se até ao amanhecer. O romper do dia 13 foi festivamente saudado com vivas e o espoucar de foguetes,

abrilhantando o acto uma magnifica alvorada, executada pela banda de musica «A Lusitana».

Gratos pelo convite que enviaram-nos e pelas Gentilezas dispensadas ao nosso Redactor-Chefe.

Foi muito concorrida a festa de iniciativa, realisada na noite de 16 de Maio pelo Centro Dramatico Recreativo Paulista, na séde social do Gremio Dramatico Musical Luso Brasileiro. Foi levado a scena o emocionante drama «As provas do Crime» e em seguida teve lugar um animado baile que estendeu-se até ao alvorecer do dia 17. Agradecemos a gentileza do convite.

A Matinée dançante organizada por uma comissão de correctos rapazes deste bairro, realisada no dia 10 de Maio, na séde do Gremio Dramatico Musical Luso Brasileiro, esteve tambem muito concorrida. O baile esteve animadissimo, retirando-se todos os convidados agradavelmente impressionados.

A Sociedade Ypiranga realisou na noite de 16 de Maio, na sua sedé social, uma festa intima, que esteve muito concorrida. Foi levado a scena o drama «A Roza do Adro» e uma comedia habilmente desempenhada. Em seguida realizou-se uma soirée dançante, que prolongou-se até ao amanhecer.

Pela Sociedade:

Fizeram annos; dia 28 de Maio o Snr. Daniel Andreghueti. Dia 3 do corrente a exm.^a sr.^a D.^a Anna Candida de Aguiar, mãe do nosso Redactor-Chefe.

O lar do nosso amigo e reporter Paschoal de Lourenço, acha-se em festas com o nascimento de um robusto menino. Sinceros parabens

Contrataram casamento com as gentis senhoritas D.^{as} Arminda Vieira e Joaquina Vieira dignissimas filhas do Sr. Manuel Vieira, os Srs. Jacob Blumer e Antonio Barreira socios fundadores da «A Juventude».

Parabens.

Carta aberta

Elustricimo Sinhô Arredatô do Jorná «A Juventude».

Muinto estimarei que estas má alinhava da linha vá incontrá mecê e tudo a sua famia no goso da mais pelfeita çau de e o çeu Jorná triando na grande cenda do polgresso. Nois por aqui vamo paçando bem grassas ao Sarvadô i se não foce os chicique siguido de Nhá Figenia, minha muié e as praga dos gafanhotos que devorô tudo as noças prantação principalmente as de mio, a principá base da noça alimentação, eu com tudo a convixão puderia dizê que a noça filicidade era compreta, mais dechemo de coisa triste e paçemo a tratá de que serve. Fais dois dia que arreçebi do Nho Tónico Capuava preposta do citio do Manéco Quirera, a çua carta, na quá me incunvida pra fazê parte do corpo de inculaboradô do çeu apreciave Jorná, do quá tambem arreçebi uma foia. Mecê não adevinha quanto o seu Jorná foi apreciado aqui o qua andô de déo em déo. O seu vigario e o perfeito da Camira resorverão tomá uma açinatura. Eu não cei como agradeçê a vance a honra cum que me honrô e a minha famia, mi incunvidando pra escrevê no çeu Jorná e agora paçando a tratá da minha mição, tenho a informá ao sinhô as minhas impreção que tive cum nha Figenia no dia 12 de Maio, quando fomo assisti a festa do *Gremio Dramatico Musical Luso Brasileiro* neça cidade. Ahi chegamo pro trem da tarde e ao depois de tomá um inleritico do Bom Retiro, decemo na esquina da Rua Julio Conceição có a rua da Grassa. Ih! çeu arredatô, dahi até o Gremio é que foi o dianho prá mode as buraquera da rua da Grassa. Nha Figenia cabiu umas vinte veis nessas buraquera, estragando tudo os vestidos novos, que eu lhe comprei na Capitá. O que ella mais centio foi quebrá tres balbatana do seu collete *devan-drot* que lhe ficava as mi maravia: e que custó um dinheirão; muito me admirei que numa Capitá como São Paulo ainda esista tantas Rua impoltante e çem mioramento, mais porem um moço da sociedade me feis vê que isso é muito comun nos bairro operario e onde não mora algum graudo que precise valorisá as suas propriedade; ôie seu arredatô que aqui no Timbó não á disse proque a caimbra só pensa no bem gera, cem atendê imposição de pulitica ô interece pessoá. Como ia lhe disendo, depois de muito lutá, nois chegemo no Gremio que já tinha suas sala tudo iluminada cum dois grande bico de gais inscandecente e que disem se chamá de «Nho Luca» e que dava luis que era um primô; quando nois chegemo a

sala já estava repra de cavaieros e *cavaieras*, vestindo as mais vistosa toaete. Foi cum grande difficurdade que nha Figenia arranjà um lugá na cadeira e acim memo depois de muinto trabaio trabaio dos fiscá e de tuda a directoria e eu como sô um pôco surdô, fui me pô pelto do parco e da musga pra mode mió ouvi as peça que iam representá e que era o drama «Advogado da honra» e a cumedia «*A Orde é resoná*». O espetaco comecô ao depois que a orquestra do maestro O. Brando insecutou um numero de musga do çeu vasto repertorio e ao depois que a orquestra deichou de tocá alevantô o panno e comessou a scena do primeiro acto; tanto este acto como os otro dois do drama, foi trabaio pelos amadô *Colangelo*, Chico Apaixonado, Guabirú Costa, Augustinho Techera, Nho Quin Villa Nova e João Cervo e dona Francisca Sirva. Arguns dos amadô se mostraram um pouco indeciso nos seus papé, mostrando acim que não tinham estudado e que se fiava no apontadô e si não fosse essas coisas o drama teria andado miormente. A cumedia foi trabaiaada pelos amadô Agustinho, Ribero, Guabirú e F. Sirva. Ribero foi bem no seu papé de Tenente da Guarda Nacioná de Portugá; Augustinho no papé de Turibio Canudo, o sordado arecruta mostrô o çeu talento de amadô concencioso e feis nois tudo ri a bandêra despregada, Dona Francisca tanto no drama como na cumedia se portó muito bem.

Tanto a miça en cena do drama e cumedia foi de Agostinho a quem peço licença pra disê que faça com que os seus amadô estude os seu papé com mais atençaõ prá mode que é muito feio um personage arreprentá oiando e fasendo siná pro apontadô: tenho tambem pra disê ao mosso de vidro nos óio e que serviu de apontadô, que apontá não é gritá e que é preciso que aponte mais baxo porque se deve ouvi a vois do personage e não a do apontadô. Peço descurpa se aveçhei arguemo, mais como amadô véio e traquejado que só, tanto que ja fui insaiadô do *Gremio Dramatico Recriativo Leterario Danzante Suspiro Saudoso*, não podia ficá assucegado sem disê alguma coisa a esse arespeito. Ao depois do espectaco rompeu um disgracionado baile que foi um inferno. Nha Figenia dansó a noite intêra e cumo anssim, não devia sê, pois ella é dansadora de veis...

Depois que festemo bastante nois se arretiremo alegre e satisfeito, e toquemo o rasgado pro Timbó, onde xeguemo escangaiaado.

Pra terminá lhe peço descurpa sí lhe amofinei cum este calendario e faço ponto finá enviando ricumendação a toda sua famia.

Seu amigo e inculaboradô.

XICO MIMOSO.

Timbó 14 de Maio 1908.